

Entrevista

Eliana Alves Cruz

Entrevistadoras

Érica Luciana de Souza Silva

Laís Ribeiro Durães Fagundes

Revisora do texto

Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins

O texto a seguir é uma entrevista com a escritora Eliana Alves, autora de *O Crime do Cais do Valongo* e *Água de Barrela*, sendo este último vencedor do concurso de romances da Fundação Cultural Palmares/MINC 2015. Eliana Alves é escritora, jornalista e pós-graduada em Comunicação Empresarial. A entrevista foi realizada por Érica Luciana de Souza Silva, professora do curso de Letras do Instituto Federal Fluminense (IFF), mestra em Estudos Literários e doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e por Laís Ribeiro Durães Fagundes, aluna do curso de Letras do Instituto Federal Fluminense (IFF), cujo Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi sobre o livro *Água de Barrela*, tema desta conversa. Na entrevista, foram tratados assuntos relacionados à produção escrita de *Água de Barrela*, ao processo de recuperação das memórias familiares da autora, à pesquisa envolvida na confecção do romance, além de como a obra desperta reflexões necessárias sobre o lugar do negro na sociedade brasileira. Durante a entrevista, a escritora toca em assuntos relevantes, como o papel da educação escolar na promoção do indivíduo e o reconhecimento de outras epistemologias relegadas pelas perspectivas eurocêntricas.



Érica: *Vamos começar, então, a entrevista com a escritora e jornalista Eliana Alves, autora dos livros O Crime do Cais do Valongo e Água de Barrela, que é o tema desta entrevista e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Laís. Eliana, você só tem esses dois livros?*

Eliana: É, os romances são esses. Mas já estou em, sei lá, dez antologias. Eu escrevi *Os Cadernos Negros*, depois eu escrevi uma outra antologia de contos sobre crianças que foram vítimas de violência urbana, uma antologia da Ciclo Contínuo e outra da editora Malê. Enfim, estou em várias coletâneas. E já estou partindo para o terceiro romance agora, que vai em março. Ainda este ano, eu devo lançar um infantil e, em março, tenho mais um romance.

Érica: Em seu livro *Água de Barrela*, na página 305, já no fim da narrativa, você escreve: “Sempre que você vier aqui, me pergunte alguma coisa. Às vezes você sai e eu lembro de tudo”. Usarei estas falas finais para iniciar com as perguntas que me fizeram refletir após a leitura de *Água de Barrela*. Na página 25, no parágrafo que assim se inicia: “Foram atirados no galpão apinhado de gente de todas as partes...”. Esse trecho faz referência ao tráfico negreiro que trouxe o menino Akin e Ewà Oluwa para as fazendas de cana-de-açúcar brasileiras. Tal fragmento lembra o romântico Castro Alves que, com seu *Navio Negreiro*, assim como você, nunca esteve em um porão de um navio negreiro, mas empreende sua denúncia. Ele imaginou toda aquela cena, bem como o sofrimento dos que ali estavam. Pode me dizer quais as distinções entre o narrador de Eliana Alves, a escritora Eliana Alves e o eu lírico de Castro Alves sobre este aspecto, ou seja, em descrever o porão de um navio negreiro sem nunca ter estado lá?

Eliana: Pois é! Olha, essa pergunta é complexa. Eu fiquei pensando muita coisa sobre isso. Nossa! O Castro Alves, ele é cachoeirano. Ele era do Recôncavo e ele é uma referência, sim. Até no final, eu cito uma ida do meu pai com a vó para assistir a um recital de Castro Alves. E você imaginar uma cena dessas em 2019 é fazer uma viagem, uma descida aos infernos. Não há como a gente não fazer alguns paralelos com as nossas realidades. Qual é o *rapper* que diz “todo camburão tem um pouco de navio negreiro”? É... ainda tem isso muito presente na nossa sociedade, toda essa exclusão, todas essas pessoas tratadas como lixo. Eu fiquei para poder fazer essa viagem e fazer dela crível, fazer com que o leitor realmente sentisse que aquilo é verdade. Eu mergulhei nas nossas experiências, de dia a dia mesmo. Na minha rua, tem umas pessoas que estão ali jogadas no lixo. Elas vivem no lixo. É uma cena assim, até um pouco apocalíptica. Eu abro a porta de manhã. Perto da minha casa tem uma cracolândia e as pessoas estão debruçadas no lixo, catando aquele lixo, tudo o que elas podem extrair dentro do lixo, aqueles sacos pretos, abertos. Então, por incrível que pareça, não é muito difícil a gente tentar imaginar o que seria estar naquela situação, porque a gente vive muitas situações análogas. Para mim, eu, Eliana, é especialmente doído por conta da minha ascendência, por ter vindo de pessoas escravizadas e ter convivido com pessoas que estavam tão próximas. Embora não tivessem sido escravizados, elas estavam tão próximas de quem foi. É... eu vi dos relatos, então, tudo se misturou um pouco. Eu acho que foi bom para narrativa, porque deu esse toque de verdade. O Castro Alves, obviamente que a gente está aqui, é um escritor romântico do século XIX e tal. Ele tem lá toda a sua...o seu contexto, mas é uma referência muito forte, muito presente. E o baiano é... o Brasil, engraçado, o Rio de Janeiro acho que é o único estado

que as pessoas não são tão apegadas com as suas coisas. Mas a gente vê isso no Sul, a gente vê isso no Nordeste. O baiano é muito orgulhoso das suas pessoas. E o Castro Alves é um culto. É um nome que, com justiça, é cultuado e muito presente nessa realidade e para essa população. Então eu quis trazer ele, porque, enfim, não tem como não trazer.

Érica: É! Você até fala no final do livro sobre o menino que era levado pela avó para assistir a um recital do Castro Alves.

Eliana: Esse menino era meu pai. Eu vivi com ele só contando essa cena. Nossa! Perdi as contas de quantas vezes meu pai me contou esta mesma cena. É tipo interrogatório de polícia: A gente vê que é verdade, porque repetiu não sei quantas mil vezes e ele não mudava uma vírgula. Se essa cena aconteceu exatamente assim. Era uma coisa muito forte para ele. É uma coisa muito forte para ele.

Érica: Por todo o livro, o leitor percebe que é a história oficial brasileira contada em um outro viés. É a perspectiva do negro escravizado e que, por séculos a fio, vem lutando para subsistir e sobreviver em uma sociedade que, quando não escravocrata, traz consigo profundas raízes escravagistas. Geralmente, a história oficial apresenta um negro submisso, fraco, que se deixou capturar e não lutou contra o cruel processo de escravização. Em alguns episódios, nos livros didáticos, nos compêndios escolares, há até a referência para figuras como os quilombolas e Zumbi dos Palmares, mas ainda o que sobressai é a imagem do negro fragilizado. Em Água de Barrela, o leitor se depara com outra realidade.

Homens fortes, guerreiros, inteligentes e audazes como Firmino, Adônis e Roberto. “Todas aquelas mulheres (uma citação sua) – Umbelina, Anolina, Dasdô, Martha, Damiana e Celina”. Isso está na página 301: valentes, corajosas, habilidosas, inteligentes, que descobriram muito cedo o meio de sobreviver em uma sociedade patriarcal e escravocrata. Você poderia falar um pouco sobre os processos de resistência que atravessam toda a narrativa através desses personagens? Esses elementos da resistência são pertinentes ao negro brasileiro contemporâneo? Como eles são interpretados, segundo seu ponto de vista, pela nossa sociedade hoje?

Eliana: Vamos lá! Elementos de resistência. Eu acho que isso foi uma coisa que eu descobri ao longo da narrativa. Ao longo da escrita, muitas coisas foram estratégias, porque a gente tem a tendência de achar que essas pessoas, elas viveram a vida delas, ao sabor do vento, sem pensar, sem elaborar, sem planejar. Muito por conta da objetificação que toma conta da nossa sociedade, que encara a população negra como objeto, como pessoas destituídas de intelecto e de elaboração sobre a realidade. E eu vi que não. Eu vi que na minha família, ali, eles tinham uma estratégia. E qual era a estratégia? Se apropriar daquele conhecimento, que aquelas pessoas que estavam socialmente acima deles possuíam... que era a questão da educação. É a estratégia máxima delas. “Eu não vou sair deste lugar, se os meus não tiverem acesso aquilo ali. Mas

como é que eu vou chegar ali? Como é que eu vou sair daqui para ir lá?” Então, elas usaram todos os meios que elas possuíam para atingir aquele fim. E aí, para nós, é fácil trazer isso para os nossos dias, porque continua sendo mesmo o desafio, para que a gente consiga... e aí vale para todo brasileiro. Todo, todo povo brasileiro! A gente precisa se apropriar da educação. A gente precisa estar com acesso democratizado à educação, para que a gente possa construir um outro lugar de viver. Eu vejo também uma coisa interessante: você fala resistência, o que é bem bonito. Eu não sei se elas tinham consciência disso ou não. Não sei. É que elas fizeram isso, mas não apagaram o pertencimento delas. Não apagaram tudo aquilo que elas traziam, eles também, traziam de herança. Principalmente o personagem do Firmino que era um cara muito cabeça dura, muito ali teimoso e valente, mas também turrão. Também aquela pessoa que não desiste fácil, porque também é isso, é da dimensão humana. As pessoas não são heróis ou heroínas. O Brasil gosta muito de um herói, de uma heroína, de uma história de superação, a todo custo. Ora bolas! As pessoas tiveram que sofrer aquilo tudo para conseguir o que aquela família, que os escravizou, conseguia ali dormindo, numa boa, tranquilamente. Sem precisar passar por nada daquilo. Então, é muito estranho quando alguém vem me dizer isso: “Tá vendo aí! Olha aí! Tá vendo! É só a pessoa se esforçar que ela consegue!” Eu fico: Gente! Não! É o contrário. Como é que você precisa ter sofrimentos físicos e precisa ter tanta angústia para conseguir o que aquelas pessoas conseguiam ali pelo simples fato de ser filho de quem é?!

Érica: É aquela conversa que a gente estava tendo ali fora sobre os meninos do Alto Leblon...

Eliana: Exatamente! Exatamente! A gente é...quem nasce berço em esplêndido, como diz o nosso R... (inaudível), tem certeza de que aquelas pessoas (os mais pobres) vão ser o porteiro, a babá, a empregada, o que vai lavar o chão. Eles têm a certeza disso! Eles não precisam fazer nem um esforço. E é um plano também, né! É um plano que essas pessoas continuem ali a servi-los. Óbvio! Quem é que quer perder esse bem-bom da vida? E aí a nossa missão é fazer esse “planinho” dar errado. É sabotar um pouco esse plano. E como é que a gente vai sabotar esse plano? Por acesso à educação. Elas (as antepassadas da escritora) tiveram essa incrível sacada e usaram ali o seu acesso que elas tinham àquela família, para atingir esse objetivo. Acho que isso fala bastante para a gente hoje.

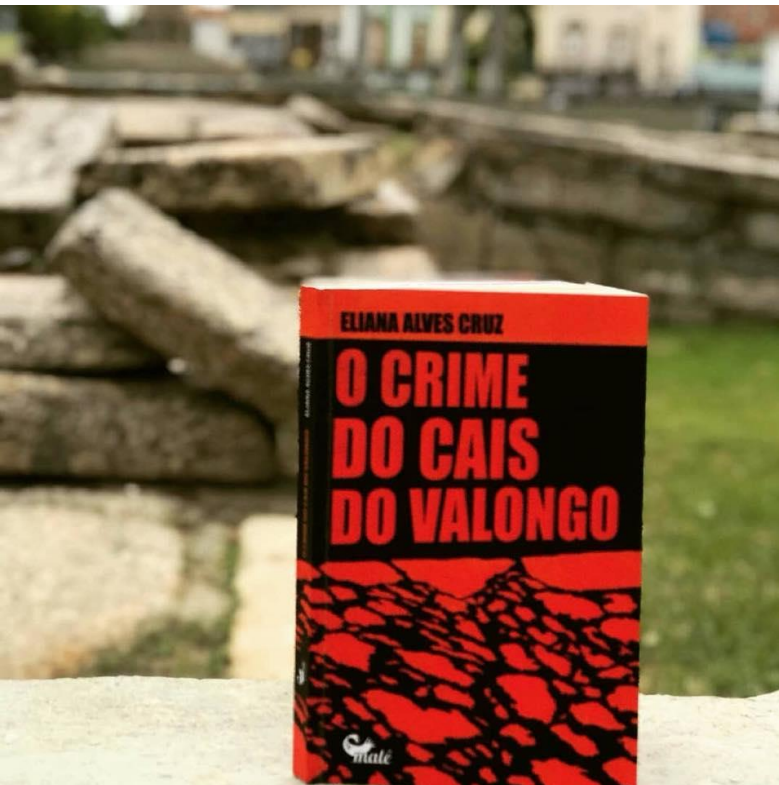
Laís: É até surpreendente a posição de João Paulo de não querer que as filhas estudassem, porque ele não teve essa sacada.

Eliana: As pessoas são seres humanos, então elas também têm defeitos, também têm contradições, idiosincrasias. Tem, né! Nós, nós somos assim, a gente.

Érica: Mas olha como que ele é, ele é atingido nisso pelo meio, ele fala: do que adianta ela estudar, se vai continuar lavando roupa?

Eliana: É, ele tinha um pragmatismo ali, da questão do “tá, tudo bem. Vamos estudar! Mas, e aí? O que que adianta? Ela vai continuar lavando roupa. Vai continuar naquele lugar”. E o machismo, o fato de o cara ser escravizado, negro, não tira ele da condição de homem, e que vê a mulher como aquela pessoa que, para ficar naquele lugar, principalmente ali, no início do século XX, início do século XIX, ele era totalmente machista e... e aí, o que é mais legal também, elas foram lá, enfrentaram e quebraram esse padrão. O que eu acho muito admirável, porque a gente até hoje está aí tentando quebrar esse padrão. Essas muralhas de acesso à educação e enfim...é uma conquista! É um objeto de desejo. Eu me lembro que meu pai... meu pai até hoje, a leitura, o acesso aos livros, foi uma coisa muito incentivada por ele, porque um livro era um objeto de desejo, porque era caro. Ainda é, porque era difícil e era uma coisa que para eles era um acesso a um outro status, a uma outra condição econômica. Tinha uma série, um livro simbolizava muita coisa. E, se for à casa do meu pai, tem livro até no teto e, se você for lá em casa, também. Tem livro até no teto. E eu acho que a estratégia que foi usada foi essa, com algum sucesso. Acho que eu recomendo... (risos).

Érica: Retomando parte da pergunta 2, *Água de Barrela* traz perspectivas distintas dos dois lados da moeda chamada escravidão: “... foram parar no Recôncavo Baiano, um lugar rico e, para eles, selvagem” (p. 29). Para mandatários da terra, a região do Recôncavo e todo o sistema de escravidão representavam riqueza e poder; mas, para os cativos, selvageria, crueldade e desrespeito. Esta seria uma estratégia, essa que você põe os dois lados da moeda, se ela realmente existe na narrativa, para fazer esse mundo, que sempre fora “duramente forçado a se calar”, (p. 29) falar a versão de uma verdadeira história do negro brasileiro? Você usa essa estratégia em seu livro?



Eliana: Uso, uso essa estratégia porque...é... uma vez, um dia alguém perguntou assim: “Ah... você vai sempre escrever sobre isso?” E aí vem aquele.... aquele gene lá do Firmino: “Mas sobre isso o quê?”, aquela coisa de querer incomodar a pessoa: “mas sobre isso o quê?” “Sobre isso...” “Sobre isso o quê? Defina isso”. “Ah, sobre essas coisas, de negros e tal, não sei o que...”. Aí eu falei: “olha, acho que assim, né...” porque a minha vida inteira, eu escutei, foi a outra história. O que eu escutei, o que eu li, não, não me contemplava em quase nada. Só li coisas maravilhosas e continuo lendo coisas

maravilhosas. Mas eu acho que chegou a hora de a gente olhar o Brasil na sua pluralidade! Acho que outras narrativas... e aí tem pesquisas aí profundas sobre isso, né! Perfil do escritor brasileiro, do perfil dos personagens. A nossa literatura não fala nada sobre quem somos nós, em termos de... de tanto de quem conta, como das histórias que são contadas. É... e aí eu... sim! Eu acho que eu uso essa estratégia e esse viés de realmente falar, dar uma outra versão. Mas não uma outra versão qualquer. É um ponto de vista! Para não usar a expressão um “lugar de fala”. Mas é um ponto de vista, realmente. A escritora Miriam Alves sempre fala que, quando uma pessoa branca escreve sobre a empregada, ela está olhando da sala para o quarto de empregada. Se uma pessoa negra que vem desse passado escreve sobre a empregada, ela vai criar um personagem olhando do quarto para sala. Então é diferente toda essa perspectiva. E aí tem a ver com uma pergunta que vocês... que ainda virá, sobre a questão do narrador.

Érica: Que é agora! (risos). O narrador de *Água de Barrela* é, aparentemente, um típico narrador de 3ª pessoa: objetivo, sem envolvimento emocional e/ou afetivos com o que está sendo contado e com as personagens envolvidas na trama. Contudo, notei que esse narrador, embora de 3ª pessoa, é profundamente parcial e usa da ironia para demonstrar sua parcialidade e seu envolvimento afetivo com os fatos narrados. Destaco algumas importantes contribuições deste narrador irônico especialmente nas páginas 76, 77, 86, 87, 89, 127, 132, 233, 294, além dos títulos “Voluntários da Pátria”, quando é descrito que Dom Pedro se admirou de ter encontrado tantos negros no Brasil, e “Brinquedos humanos”, quando Anolina é entregue como presente de aniversário ao filho do dono da fazenda. O que se pode apreender acerca da constituição e do papel desempenhado por este narrador na composição do significado geral da obra, já que ele parece ser um personagem a mais no romance?

Eliana: Oh! O narrador, na verdade, sou eu! (risos). Usei a seguinte estratégia: eu falei, esse foi o drama de escrever o livro, foi esse. A dificuldade desse livro para mim foi essa. “E aí, eu boto na primeira pessoa? Eu boto na terceira pessoa? Eu boto uma outra pessoa falando? A voz, quem é que vai contar essa história?” E aí me veio a seguinte sacada: eu disse: “bom, eu posso colocar aquele narrador que está olhando aquilo ali. Mas aquele narrador que está olhando aquilo ali sou eu! Então... eu estou olhando aquilo ali, mas eu estou olhando com a minha... toda minha bagagem”. E aí eu usei estratégia de fazer isso na terceira pessoa e só sair do escondidinho no final. Só assumi realmente a primeira pessoa no final. E foi legal, porque, assim, algumas pessoas levaram um susto, porque hoje, né..., acho que já está bem badalado o livro. As pessoas já sabem que é a minha história, mas, no início, quando as pessoas não sacavam que era: “Nossa! Caramba! É ela!”. Então... Isso foi muito legal! Foi muito bacana. E também ele, esse livro, é um prêmio da Palmares. A Palmares fez uma coisa interessante. Foram dez professores, doutores, de vários lugares, em várias universidades federais que compuseram a banca examinadora desse concurso. E eles, quando escolheram as obras, eles chamaram os autores a Brasília e fizeram um *workshop*. E aí foi muito legal! A gente reuniu, assim, com eles, e

eles deram a opinião deles, porque acharam incrível. E aí eu me lembro que eu te falei sobre Lilian Natália. A Lilian virou, falou para mim assim: “Olha, eu acho que você tem todo o direito de se indignar em determinadas partes desse livro. Ele não é qualquer livro. Ele é a sua história! Então, você tem todo o direito de ficar indignada aqui com essa sua antepassada que foi estuprada. Você tem todo o direito de ficar indignada, interfere, né... interfere! Não seja tão jornalista! Seja escritor e seja a pessoa que descende disso”. E aí foi ótimo, porque eu dei uma mexida no texto, aí ficou... ficou bacana!

Érica: O livro procura estabelecer uma relação de equidade entre os vários saberes e conhecimentos epistemológicos constituintes da cultura brasileira. Na página 47, entre outros exemplos contidos na narrativa, vemos o velho Quim propondo um tratamento para o negro Tito quando este perdeu parte do braço na moenda: “ - Mas quem tá falano em douto é o sinhô feito, eu tô falano de arguém pra cuidá. Tô falano que pode ser um de nossa gente...”. Esses vários conhecimentos e saberes se articulam em nossa sociedade sem sobreposições, de acordo com sua opinião, em que um dos elementos procura, a todo instante, subjugar os demais elementos? É possível pensar que tais reflexões se estendam para os campos religioso, cultural, artístico e social brasileiro?

Eliana: É, a gente tem a famosa expressão “epistemicídio”. E é um efeito colateral da colonização: o epistemicídio. Eu quis trazer isso aí, porque é muito engraçado. Uma vez eu fui ao Pará, e fui fazer um passeio maravilhoso a uma ilhazinha que tem perto de Belém. Pega um barco assim num dia clareando. É lindo! Chama a Ilha dos Papagaios. Aí quando o dia clareia, o céu fica coalhado de papagaio. É aonde eles vão dormir e vão se alimentar. Aí, passeando ali, a menina que guiou a gente falou assim: “ah, isso aqui, essa planta é o princípio ativo da Novalgina. Essa planta...”. Porque eu perguntei: “Nossa! A pessoa tem uma dor de dente aqui, tem que pegar um barco lá pra Belém?”. “De jeito nenhum! Isso aqui é um princípio ativo da Novalgina. Isso aqui é não sei o que. Isso aqui é um remédio tal. Esse aqui é o remédio e tal, é o remédio tal...” E está tudo patenteado! Por laboratórios estrangeiros. Então, a gente fica olhando os saberes que a gente tem, que tão ali naquela farmácia que você compra a 100 reais, e é o mesmo chá que a sua avó te dava. É o mesmo...! Só que pela questão de todo racismo científico, toda a construção de que, o que vem das pessoas negras e de África não tem valor, a gente simplesmente joga fora. A gente que eu falo é a sociedade brasileira. Joga fora ou substitui por algo glamourizado, mas que é exatamente a mesma coisa. Às vezes até pior, porque você compra o remédio lá a 100 reais e o fabricante quer que você continue comprando o remédio a 100 reais. Então ele vai, obviamente, diminuir o efeito daquilo para que você volte lá e continue comprando. Enquanto, de repente, o chá que a tua avó te dava, vai te fazer ficar boa de cara. São essas coisas que a gente tem que começar a colocar na nossa narrativa, porque ela faz parte da gente. Quem nunca, quem nunca na infância, quem nunca conviveu com isso, com esses saberes que vêm de tanto, de tanto tempo, tanto da população negra como da população indígena? Quantos conhecimentos, quantas coisas a gente

perde, porque a gente privilegia um outro saber, uma outra forma de pensar o mundo, eurocentradas? E ele ali, nessa passagem que o menino perde o braço e... nossa... um drama! O cara está para morrer! Ele diz: “Nós não precisamos de vocês pra nada.” É o que ele está dizendo aí. É isso: “Ó, a gente dá nosso jeito aqui! A gente não precisa de vocês pra nada”. E essa independência, eu acho que a gente ainda precisa construir. Ou melhor, construir não, a gente tem que resgatar! Essa autossuficiência, essa segurança de que a gente tem o saber, que a gente tem o valor e que a gente não precisa ficar o tempo todo se referenciando a coisas externas e, principalmente, meio acadêmico! A gente... nossa! Vou nem entrar nisso aí, porque...

Érica: A professora e escritora Conceição Evaristo em a “Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira”, artigo que compõe o livro *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*, sob organização do Professor Dr. Edimilson de Almeida Pereira, assim escreve: “A literatura negra toma como parte do *corpus* a História do povo negro vivida e interpretada do ponto de vista negro, propondo uma leitura transgressora da História oficial e escrevendo a história dos dominados” (p. 138). Em seu livro, lemos trechos como: “Tudo continuaria como sempre. Os negros lá e eles, os brancos, cá. Sem as crueldades do passado, no entender dela, mas os papéis estavam bem marcados e definidos há muito tempo, e assim permaneceriam” (p. 150); “O que poderia pensar alguém que cortasse cerca de quinze toneladas diárias de cana, do alvorecer ao entardecer, em jornadas de mais de 12 horas de trabalho, ao ver pessoas como dona Emília Bandeira, por exemplo, que ia envelhecendo bordando e tomando sucos na varanda?” (p. 163). Qual a possibilidade de considerar que o livro *Água de Barrela* se configura como um dos elementos formadores desta literatura transgressora que Evaristo cita em seu artigo? Se sim, pode-se dizer que esta obra, assim como *O Crime do Cais do Valongo*, foi idealizada para ser discurso transgressor? De acordo com sua percepção, seu texto pode se tornar um “elemento catalisador” na sociedade brasileira ao repensar o percurso do negro brasileiro desde o tráfico negreiro até os dias atuais?



Foto: Divulgação

Eliana: Eu acho isso um pouco pretensioso da minha parte responder “oh, não, sim, vai ser transgressor!”. Até porque, quando eu me sentei para escrever, eu não pensei nisso. Talvez eu tivesse uma intuição de que, sim, porque como leitora eu não via essa narrativa. Vi *Um Defeito de Cor*, que é maravilhoso, e umas poucas coisas. Mas, no volume da literatura brasileira, isso é quase nada. Então, eu tinha uma intuição de que realmente talvez isso fosse uma forma muito diferente de abordar tudo isso, todas essas questões. A gente tem aquela insegurança que é natural, do escritor: “Bom, será que isso tem qualidade? Será que não tem? Será que... como é que as pessoas vão receber isso?”. Como eu não via nas prateleiras nada semelhante, fiquei com muito... já estive *para* jogar esse livro fora várias vezes. Tenho muito a agradecer a vários amigos, que disseram: “Não faça isso! Guarda! Guarda! Deixa lá! Tira umas férias dele! Daqui a pouco você volta”. Porque é isso, a gente mergulha numa... levei 6 anos para escrever. Então, a gente mergulha ali e aí eu não tenho um apartamento em Paris para ir isolar do mundo, e é ali... a criança, fazendo o dever de casa com o filho, e não sei o quê, mas no final das contas, quem vai publicar? Quem vai realmente se interessar? Será que isso vai chegar no grande público? É... todas essas dúvidas me assaltaram. E, quando eu consegui colocar “a criança no mundo”, eu acho que as pessoas se admiraram bastante, porque é uma história

que eu acho que não tem... de uma família brasileira... uma família negra brasileira, contando uma história assim. Então, nesse sentido, acho que sim. Ele tem um papel a desempenhar ou... os professores lá na Federal do Recôncavo, que alguns me ajudaram bastante, e um deles me falou assim: “Olha, escrever esse livro não é uma opção pra você, é uma obrigação!”. É uma obrigação, porque a gente não tem esse relato. Uma obrigação, porque o Brasil precisa, a gente precisa recontar essa história, desconstruir vários mitos que estão muito sedimentados na cabeça das pessoas. Isso tem muito a ver com a autoestima do nosso povo, tem muito a ver com as novas gerações que precisam entrar em cena, lendo alguma coisa assim. Entendendo que por mais que você não conheça a sua história, você tem uma história. E ter história é direito humano. O que diferencia o ser humano dos outros seres é justamente essa história, essa construção histórica, os antepassados e tal. Então quando você tira, apaga isto. Bota *Água de Barrela* na história das pessoas, numa forma de desumanizar, é um plano. Então, mais uma vez, nossa missão é fazer o plano dar errado. Então, vamos dar, vamos contar essa história de um jeito diferente. Nesse sentido, eu creio que sim, mas com o pé no chão.

Érica: Nas páginas 188 e 301, respectivamente, encontramos: “Os estudantes de Direito, membros das boas famílias, e as moças da região dançaram e flertaram à vontade. No futuro seriam advogados, promotores e juízes. A Justiça, sempre aquela, naqueles caminhos.” (p. 188); “Toda a família Tosta na linha de Dona Maricota foi ligada à Justiça.” (p. 301). Podemos afirmar que há uma denúncia explícita à falsa meritocracia que sempre existiu no Brasil, a qual se vale de nomes e sobrenomes para eleger os brasileiros que trazem o êxito e o acesso ao poder como uma marca de nascença, garantida por meios que não apenas o desempenho intelectual e, ao mesmo tempo, nega este mesmo acesso a milhões de pessoas, principalmente brasileiros negros? Se possível, em qual sentido este discurso pode ser utilizado para discutir as políticas de cotas raciais nas universidades públicas brasileiras?

Eliana: Ual!!! Nossa!!! Isso aí é um seminário inteirinho! Mas é verdade! Você vê: a pessoa chegou aqui, ganhou uma sesmaria. Tem todo aquele imbróglio lá no início do livro para saber de quem é a terra, mas, no final, era de todo mundo, porque todo mundo se casava com todo mundo. Primo casado com a prima, tio casado com a sobrinha. O dinheiro ficava ali na linha entre eles, não sei o que... dono daquelas terras todas e escravizando... Dizem, né, as contas lá do pessoal lá da academia, lá daquela região, que essas famílias aí, todas aparentadas, que eram uma grande família, “A grande família”. Juntas somavam três mil escravizados. Então, uma gente que teve todo esse plantel, que plantava cana, plantava fumo, e fazia o melhor dos negócios, porque levava o refugo do fumo para comprar o escravizado. O fumo bom, ele vendia na Europa. O escravizado, ele comprava lá pelo fumo ralé. Quando ele chegava à Europa, o cara estava valendo cinquenta vezes mais. Então, um lucro absurdo! As pessoas foram criadas com todo esse dinheiro. E aí fica fácil! Vai ficar fácil estudar em Coimbra, fica fácil aprender inglês na Inglaterra, francês na França! Fica fácil! Então, esse discurso da meritocracia é a coisa mais cruel que o Brasil inventou nos últimos

tempos. Mais cruel, porque é aquela bola de ferro no pé do cara e que você quer que ele chegue à linha de chegada na mesma velocidade de quem está com tênis Nike, último tipo. É algo absolutamente impossível! E é, na verdade, o nosso problema raiz. É o nosso problema básico. O dia que a gente conseguir resolver isso, muita coisa na sociedade brasileira vai ser resolvida, que é o fosso da desigualdade, de oportunidades. Eu fico incomodada que algumas pessoas usem essa história, por conta de aonde nós chegamos, como um exemplo justamente de meritocracia. “Tá vendo? estudando.... Olha aí! Todo mundo consegue!” Enquanto aquelas pessoas não precisaram passar sete gerações. Se você contar aí, tem sete gerações. Até meu pai, a sexta geração. Minha irmã, sétima geração; eu, a sétima geração. Até que a gente conseguisse chegar à universidade, até que a gente conseguisse minimamente integrar uma classe média. É muito tempo, muito tempo, muito sofrimento desnecessário! Vamos contar que é necessário. Acho que o Brasil e todas as riquezas que o Brasil possui, não era mais para a gente estar nesse lugar. A gente está nesse lugar por conta da escravidão. Por conta da escravidão, por conta do racismo e da falta de acesso que as pessoas têm as melhores oportunidades. Então, sim! Não era uma opção! Eu tenho até uma frase, que acho que meu pai também viveu, repetiu na vida toda, aquela cena final, que ele vai lá visitar a dona Maricota, e aí ela está lá sentada no trono dela, ela tá sentada e ele... e ela fica muito admirada, e: “Nossa, mas deve ter sido muito difícil passar nessa universidade!” “Olha... eu não sei os outros. Mas pra mim era isso e não tinha outra opção”. E meu pai tem uma história muito impressionante. E ele estudou para passar copiando livros. Não existia xerox naquela época, copiadora. “Eu quero entrar ali!”. E foi uma coisa incutida por elas (as mulheres da família): “Ó, você tem que passar, tem que entrar”. E é bem isso, foi o que eu disse aos meninos lá na escola de Nova Iguaçu hoje de manhã: “Ó, não existe opção! Plano deles é fazer vocês darem errado! Cara, vocês têm que ter essa carne de pescoço!” “Ó, eu quero sair daqui, eu quero sair desse lugar”. Se não tiver isso, não conte com a boa vontade dessas pessoas. Elas não querem perder “o suco na varanda, bordando, o seu enxoval”. Não querem perder. Pronto! E é isso aí! Vão ficar aí na internet dizendo que nada disso, que Zumbi era um bandido, que racismo não sei o que, que é um mimimi, ih... nem ouve esse tipo de coisa! Bola para frente, porque é isso! Acho que sim...

Érica: Em *Os Condenados da Terra*, Frantz Fanon faz a seguinte afirmação sobre o colonizado: “É dominado, mas não domesticado. É inferiorizado, mas não convencido de sua inferioridade. Espera pacientemente que o colono relaxe a vigília para saltar para cima dele. Nos seus músculos o colonizado está sempre à espera... Na verdade, ele está sempre pronto a abandonar o seu papel de caça para tomar o de caçador.” (p. 70). Em seu livro, na página 84, o narrador faz a seguinte afirmação sobre o personagem Firmino: “No entanto, seu lado pacífico era apenas aparente. Por dentro, ele continuava com toda a ardente raiva que sentiu pelos senhores desde que saiu de Oió e pisou pela primeira vez em solo brasileiro. Aproveitou o período para se aperfeiçoar na capoeira, se fortaleceu e no fundo sabia que uma hora chegaria para dar vazão a tudo o que estava guardado há tanto tempo”. Você acredita que a violência

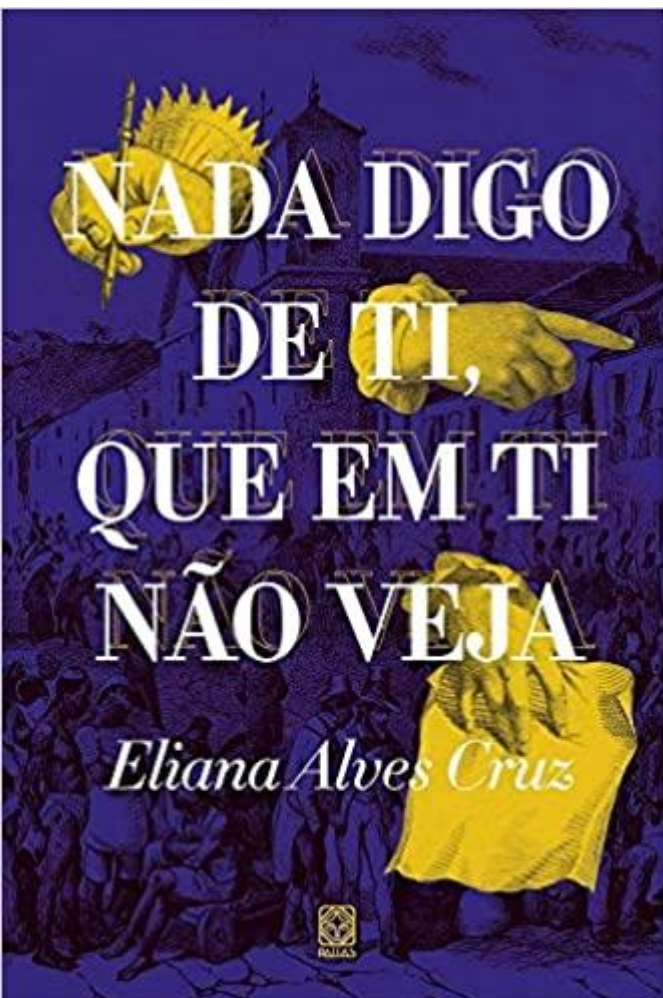
armazenada pelo negro colonizado contra o colonizador é a mesma que o negro escravo brasileiro nutria contra seus senhores e feitores? Acredita que as motivações são semelhantes? Em sua opinião, será que vivemos, hoje, um processo de reversão?

Eliana: Olha, isso é bem complexo. A gente tem uma... aqui, no Brasil, eu acho que todo mito da democracia racial, do povo cordial, daquela coisa toda, meio que adormeceu determinadas coisas. Mas a gente vive em um caldeirão, uma coisa latente. Eu não sei quando isso vai... uma hora essa coisa, esse caldo vai entornar, porque tem ressentimentos muito velhos fermentando. E esse discurso, ele só vai adiando e aumentando. Minha avó sempre dizia: “Problema adiado, problema aumentado”. Então, a gente está realmente aumentando um rancor. Porque o menino que tem acesso a mesma mídia, a mesma internet que o menino lá do alto Leblon acessa, o garoto da favela também acessa. A mesma vontade que o capitalismo gera em um gera no outro, só que um consegue e o outro não. Esse que não, ele vai aceitar tranquilinho? Por quê? Por que que ele vai ficar feliz de não ter acesso ao que o outro tem? Dentro dele aquilo está em algum lugar. Essa revolta. A forma como essa revolta extravasa é que eu não sei exatamente como se dá. Eu acho que a gente está vivendo um momento muito adormecido. Eu sinto isso, tem cansaço geral e dá um “Ai, meu Deus do céu!”. A gente vai ter que começar tudo de novo, a gente vai ver que... [respira fundo]. Mas eu não sei se as pessoas estão ali, na verdade nutrindo aquilo que o Firmino nutria. Dando aquele passo atrás estratégico para dar o bote depois. Será? Não sei! São questões. Quando você fala reversão, em que sentido?

Érica: Conseguimos avançar um pouco e agora nesse período que nós estamos vivendo, com as coisas muito latentes, reverter, regredir...

Eliana: Ih! A gente já desceu muitas casas no joguinho! (risos) Como é que é? Você jogou o dado: volte trinta casas! Volte ao início do jogo! Me lembra desses jogos de criança, o que a gente está vivendo. Volte trinta casas, gente! A gente voltou trinta casas e um montão de coisas! E daí vem esse... [suspiro] “volta trinta casa!” A gente vai ter que... Eu me lembro de que eu me sentei com meu pai, aí o personagem... para almoçar. Um dia, a gente saiu, foi logo assim ano passado, por esse mês. Novembro. Aí ele, meu pai sempre foi muito falante e não sei o quê...e mudo, mudo. Meu pai mudo, alguma coisa tem. Ou ele está assistindo, está doente. Alguma coisa está acontecendo. Meu pai mudo! Aí a única coisa que ele falou, o almoço inteiro foi: “vamos ter que começar tudo de novo!”. Então, é isso! A gente está um pouco armazenando força para ter que começar de novo. Mas ninguém também disse que seria fácil! Eu acho que a gente, todos nós, principalmente, quem está no meio acadêmico, no meio das artes, está produzindo conhecimento de alguma forma, a gente sabe que a parada é difícil. A gente já sabia disso. Então, também não tem muita desculpa da gente ficar aí, não. Acho que a gente precisa entender que é isso mesmo. Os privilégios, as pessoas não querem perder. O Brasil tem uma coisa de que é de todo mundo, não é de ninguém; então, é meu! Eu posso pegar tranquilamente, porque essa apropriação dos lugares, ou seja, meu avô estava, meu bisavô estava aqui, meu

avô estava aqui. Eu estou aqui, então isso aqui é meu! Ou seja, a gente tem... tem uma matéria interessante que saiu sobre isso, tem pessoas que estão na política desde o Império. Umas famílias mineiras que tão... é o político de pai para filho, de pai para filho desde o Império. E os caras estão lá hoje no Congresso Nacional sentados. Como esse cara vai achar que aquilo não é dele, se ele está ali há oito gerações, sentado ali! E acha que aquilo é dele e pronto! Por mais que ele tenha um discurso dizendo que não, lá no inconsciente dele não: “isso aqui é meu! Nada vai acontecer comigo!”, e nada acontece mesmo. Até bem pouco tempo...se bem que agora tem algumas coisinhas, *tão* começando a modificar. Mas esse processo é longo mesmo. A abolição foi outro dia. A gente tem que ter isso em mente, na linha histórica. A perspectiva histórica. A abolição foi há cinco minutos. Então, a gente tem que realmente ter essa paciência e continuar trabalhando e continuar fazendo e não se intimidar. E não ceder à tentação da autocensura, porque isso acontece também. A gente: “Ah, eu vou passar por isso, eu vou ter que... Vou partir pra esse enfrentamento?”. Mas isso também é uma tática para que a gente se cale. Eu acho que o nosso desafio como escritores, como artista, é continuar sendo quem a gente é.



Érica: Já, no fim do livro, o leitor lê a seguinte fala de Eloá, neto de Damiana, que acabara de ser aprovado na faculdade de Direito do Rio de Janeiro e, em seguida, uma observação do narrador: “ – Bem... No caso dos outros, dona Maricota... No caso de pessoas mais abastadas e poderosas eu não sei, mas no meu caso eu tinha que passar neste vestibular. Era isso ou isso. Não era uma opção. [...] Ela mexeu-se levemente no seu ‘trono’ e, sentindo que talvez pudesse ouvir o que não desejava, fez perguntas sobre o Rio de Janeiro...” (p. 301). É o momento da narrativa em que o sujeito negro toma em suas mãos o domínio do discurso. É possível perceber que, naquele momento, quem fala é o negro Eloá. Ele se apodera do discurso. Além do poder da palavra, Eloá traz em seus olhos uma autoridade que também se apresenta nos olhos do africano Firminino, nas matriarcas Umbelina e Anolina e na bisavó de Eloá, Martha. Quando o negro era silenciado, só lhe restava o olhar. De novo vemos Fanon, “é inferiorizado, mas não convencido de sua inferioridade”. Eloá, agora sujeito de seu discurso, sem intermediários, fala verdades que incomodam os que sempre se

consideraram os detentores da verdade. Este era o verdadeiro objetivo de

Água de Barrela, fazer falar os milhões de brasileiros silenciados? Como este processo de “falar outras versões das verdades estabelecidas” se dá hoje em dia no Brasil? Ainda sob este aspecto, qual o papel que as instituições, organizações e agremiações, como, por exemplo, a Fundação Palmares, que se voltam para as produções artísticas do negro brasileiro e do africano em diáspora desempenham hoje no Brasil?

Eliana: Sim, esse era um objetivo do livro sim, porque eu convivi com esse discurso. Eu convivi com essas pessoas falando essas coisas todas. E eu achei que... não, espera aí: Tenho que tirar isso aqui, daqui! Tenho que levar isso para fora, porque eu não vejo esse discurso, essas pessoas falando dessa forma nas coisas que eu leio. Então, quando o Zé Antônio M diz: (sobrenome do autor inaudível) se não tem, vai lá e faz! Fui lá e fiz. Eh... assumir a Neusa Souza e Santos. Ela falava isso, primeiro passo para adquirir autonomia é ter um discurso

sobre si. Ter o discurso de si. E aí é uma outra longa discussão, mas, quando ele domina, é uma questão do medo. Já dizia Nina Simone “ter liberdade é não ter medo”. Quando ele não tem o medo de que as outras, porque as outras, a avó, a bisavó, a mãe e tal, elas até de alguma forma enfrentavam, mas elas tinham aquele temor referencial. Elas não diziam tudo. Elas tinham aquele respeito, e ele perdeu esse “respeito”. Ele não, não respeitava da mesma forma que as antepassadas.

Érica: Ele tinha autoridade, né?

Eliana: É, ele se viu ali como um igual de verdade. Eu sou um igual. E em determinado ponto, não só igual. Eu sou superior, porque ela está sentada ali. Quem está lá “ralando” sou eu. Então, esse orgulho, que até os discursos dos anos sessenta, nos Estados Unidos, “*I’m black and I’m proud*”. Isso é mais ou menos o que faz ali, de ter orgulho de quem ele é, do que ele conquistou. Ela tenta minimizar, tipo “Ó, outros também se esforçaram muito, então não sei o quê...” e ele falar “os outros, sobre os outros, eu não sei. *Pra* mim é o seguinte: eu tinha que conseguir. Os outros tinham a opção de não passar ou de fazer outra coisa, sei lá, ir para o exterior... Eu não. Se eu não passasse ali... Eu ia *tá* lá, lavando a latrina, como a Damiana não queria”. E, então, nesse sentido, sim, foi uma forma de dar voz, de trazer essa outra perspectiva. O papel das instituições para fazer o negro falar é total! Eu talvez não tivesse acontecido como escritora se não fosse o concurso da Fundação Cultural Palmares. Eu acho que é uma obrigação das instituições brasileiras, que é um nada perto do que o Brasil como Estado deve a toda a população negra. É uma questão de resgate mesmo e de dívida histórica sim! As pessoas não gostam de falar disso, mas vamos combinar que o Brasil tem uma dívida histórica com todos nós, e dar chance dessa narrativa existir é uma forma de reparação. Então, nesse sentido, o concurso foi muito feliz. Eu acho que é por aí, embora muitos ajustes eu acho que ainda precisam ser feitos, porque ainda existe aquela voz, aquele respeito que a Damiana tinha. Ainda não vejo o Eloah falando com essas eh... entendeu? Ainda não vejo essa voz do Eloah de autoridade, dessas

instituições, por exemplo, frente à branquitude. Eu não vejo. Eu vejo as pessoas ainda muito cheia de dedos, muitos “não, olha, vamos fazer aqui, mas a gente precisa manter uma aparência aqui. Ah gente... Vamos, vamos aqui. Não! Imagina! Todo mundo pode falar sobre a literatura negra. Não! Todo mundo pode escrever essa história”. Claro que pode! Só que vamos tentar empatar esse jogo que foi muito desigual? Então, agora chegou a hora de a gente realmente falar da gente mesmo, ter a narrativa de si. E eu não vejo ainda muita coragem nesse sentido. Mas é um caminhar também. É um caminhar e a gente está indo, está chegando lá.

Érica: E até nesse finzinho, eu me encantei com esse narrador, quando ele fala, ele dá essa resposta de igual para igual, a ironia do narrador sobre o Rio de Janeiro: “fale-me sobre o Rio de Janeiro!”. Aí me lembrou do Machado de Assis naquele conto *Pai contra mãe*: “mas não cuidemos de máscaras”.

Eliana: O Machado de Assis é uma referência para mim, claro! *O Crime do Cais do Valongo* tem muito dele. Tem muito dessa ironia. Aquele personagem do Nuno tem muito do Machado. Eu acho que as pessoas dizem que o Machado não assumia a questão da negritude, mas eu acho que de jeito algum é ele. Nossa! Só que só alguém que não tem um olhar muito crítico, que quem não assume a sua condição, quem não tem essa ironia, não tem esse olhar debochado que ele tinha, daquela sociedade daquela época. Quem lê entende tudo! Falta muita interpretação de texto para essas pessoas.

Laís: O seu livro é escrito em terceira pessoa. Como se deu essa escolha?

Eliana: Eu achei que assumir a primeira pessoa... não sei! Talvez, não me sentia confortável, porque é aquilo que a professora (Érica) perguntou: “É uma biografia? Uma autobiografia?”. Não é uma autobiografia. É uma biografia familiar. Então, botar na primeira pessoa, eu achei que não, não me senti confortável. Mas também botar alguém totalmente de fora? Também não me senti confortável. Também botar algum personagem contando? Mas aí passam eras, né! E aí a pessoa morre. Aí pronto! Acabou! Como é que vai contar? Então, tinha que ser alguém que tivesse de fora, mas tivesse dentro e essa estratégia de só sair da cortina quando chegasse na minha vez.

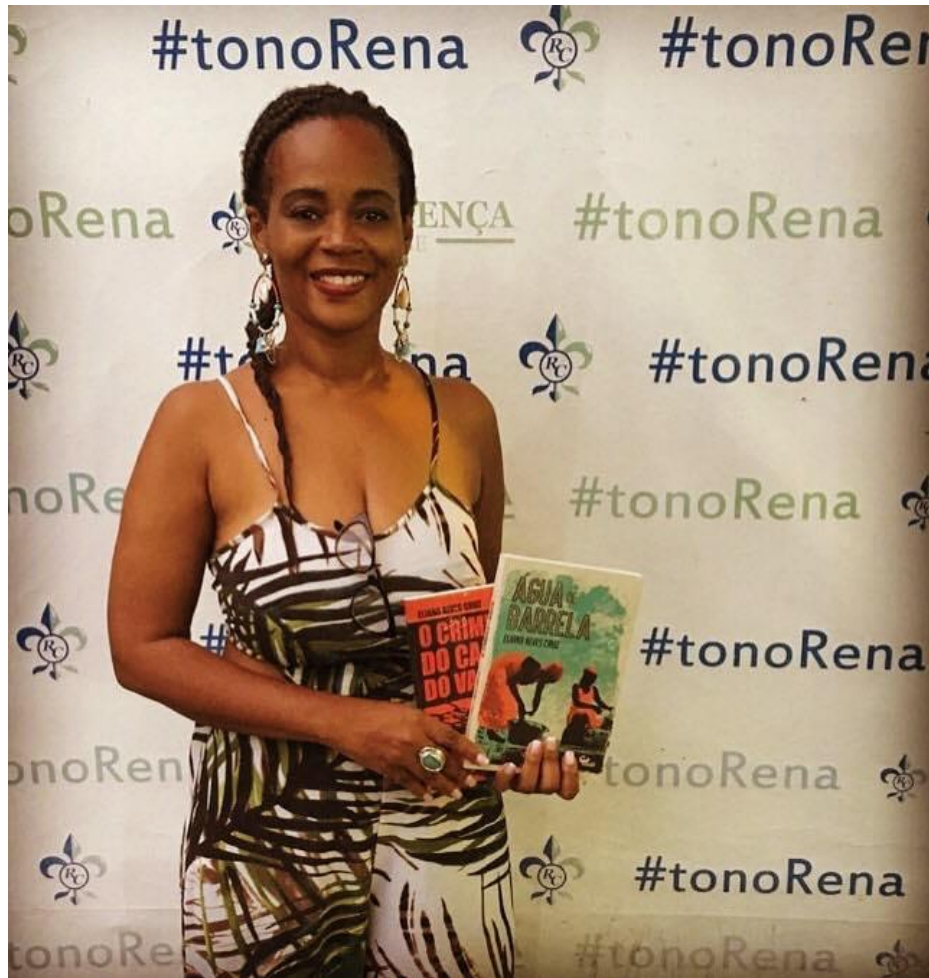


Foto: Redes sociais da escritora

Laís: *Água de Barrela* foi o vencedor do Prêmio Literário Oliveira Silveira, promovido pela Fundação Cultural Palmares. Quais foram os diferenciais que fizeram esse livro vencer? Como se deu o julgamento/avaliação dele pelos jurados?

Eliana: É o edital, né! Tem aqueles critérios de concurso que são originalidade, o uso da língua, a pertinência com a temática negra, coerência na história. Tem todas aquelas coisas de edital. Depois nesse *workshop* que fizeram, eles me falaram que ficaram muito impressionados com o fôlego da história. 170 anos aí! E a originalidade de ter essa história familiar contada. A gente não tem no Brasil. Então acho que isso é um peso bem grande: a originalidade da história.

Laís: Como leitora, eu achei muito interessante que a leitura é fluida, e você não apaga as marcas de oralidade na fala dos personagens, né? Isso é até uma forma de se colocar, de ter uma identidade.

Eliana: isso foi outra coisa muito difícil, porque eu não estou lá no século 19. Então, isso eu tive que estudar mesmo. Comprei aquele livro que é...como que

é? Ai, meu Deus! Tem um livro sobre português do século XIX, e a fala africana, a fala negra no século... tem um livro assim. Essas coisas que meu pai descobre. Ele aí... já viu, né? Nossa! Eu tive que ler! Eu li para ver a forma e para lembrar da forma: como é que minha bisavó falava? Quais expressões que ela usava? Tive que... algumas coisas de época também, para poder procriar algumas expressões. Deu um trabalhinho isso aí, porque na hora que você lê, você tem que sentir que é verdade, não dá para ser alguma coisa *fake*.

Laís: Por que escrever capítulos curtos, ordenados cronologicamente e coadunados com a História do Brasil?

Eliana: Eu quis fazer essas duas linhas do tempo: a história oficial com a história que eles estavam vivendo. Uma coisa está sobreposta a outra. O Brasil está lá, vivendo lá a Abolição, a República, a Guerra do Paraguai, e essas pessoas estão vivendo o quê enquanto isso tudo está rolando? E o que me deu esse mote foi aquela carta que está no final. Aquela carta que eu achei foi um achado da minha tia, que eu tenho como uma madrinha. Minha madrinha maravilhosa que é uma pessoa acumuladora. Graças a Deus, ela não joga nada fora! E ela guarda as coisas, e ela tinha essa carta. Quando ela veio, ninguém na família sabia que ela tinha essa carta. Como é que pode? E aí, a Mary, que é uma das filhas lá, ela faz uma um paralelo entre as duas famílias. É isso aí! Eu preciso pegar uma família. O que estava acontecendo com uma? O que estava acontecendo com a outra? Aí, elas vão se misturando e aí a História do Brasil. Pronto! Montei o esqueleto do Brasil! Obrigada, Mary, onde quer que você esteja.

Laís: Enquanto escritora de *Água de Barrela*, qual impacto que seu livro tem na sua vida?

Eliana: Ah, foi certamente minha vida antes e depois desse livro. Porque, a partir do momento que eu comecei a mergulhar nessa história, eu comecei a me reconhecer muito mais, a entender determinados padrões, familiares, inclusive. Tem uma moda aí de constelação, constelação familiar. Eu fiz uma constelação literária familiar. Porque eu entendi, por exemplo, para te dar um exemplo, que eu venho de 07 gerações de mulheres que criaram os seus filhos sozinhas, que carregaram muita coisa nas costas. E eu percebi nessa, quando eu estava escrevendo esse livro, eu estava separando do pai da minha filha, e eu percebi que eu estava reproduzido exatamente a mesma coisa. Então, são padrões de comportamento que você não sabe que você tem. A sua intuição te diz, mas você não entende a profundidade até onde aquilo vai. E quando eu comecei a remontar essa história, eu comecei a ver o tanto de que... assim, elas fizeram uma opção: “Tá, eu vou sacrificar minha vida, pessoal, afetiva [...] para que eu consiga isso aqui”. Então, eu achei que já era hora de a gente também tentar ter tudo. Por que não? A gente pode ter uma vida afetiva legal! A gente pode ter um emprego legal! A gente pode tudo! Não precisa optar, ou isso ou aquilo. É isso e aquilo. A gente tem direito de ter isto e aquilo. E foi bem importante para mim nesse sentido. Eu consegui quebrar muitas coisas dentro de mim, e entender também, ter um pouco mais de paciência e compreensão com os meus

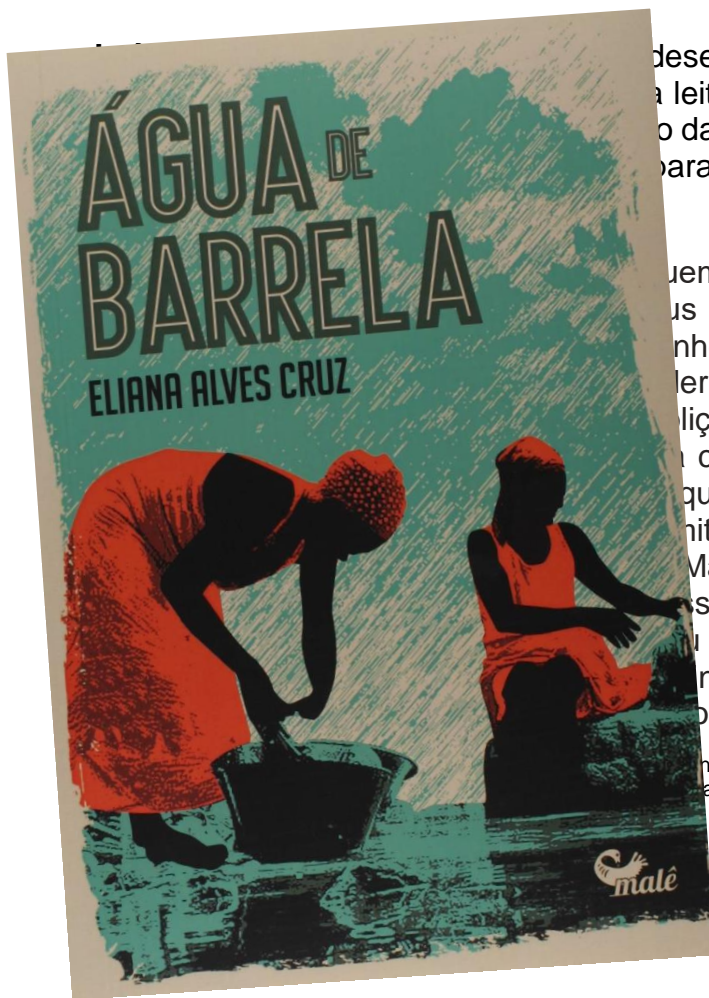
mais velhos, com relação a muitas coisas. E olhar os lugares. Ela falou de Salvador. Eu vou a Salvador acho que desde que eu tinha 03 anos. Depois que eu escrevi esse livro, depois que eu pesquisei isso tudo, nunca mais eu vou a Salvador do mesmo jeito. Todos os lugares me dizem alguma coisa. Todos os lugares! É...eu tenho um outro olhar! Esse ano eu fui naquele lugar, A Arte da Palavra do Sesc, aquele circuito que o Sesc faz com vários autores; aliás, muito legal. E a abertura foi em Salvador, no Pelourinho. O auditório do Sesc é no Pelourinho, do lado da Igreja dos Homens Pretos. E estava caindo uma chuva e aí eu fiz um vídeo que ficou tão legal! A chuva caindo e eles estavam cantando uma música lá dentro. Uma música sacra. Então, eu nem precisei botar uma trilha sonora. E aí eu filmei o Pelourinho todo ali, e fiz uma postagem na rede social e botei. Mostrei aquilo ali. Ficou bonito! Nunca mais a gente olha aqueles lugares do mesmo jeito. Cachoeira... o crime do Cais do Valongo? Ninguém consegue andar no Rio de Janeiro, ali naquela área, sem imaginar como era aquilo ali: o mar ia até não sei onde. Então, o território muda. Quando o território muda, as pessoas também. A forma como você encara as pessoas muda. Isso faz com que a vida mude.

Laís: Qual a importância de *Água de Barrela* no âmbito social e literário?
Eliana: Eu acho que... assim... quando tem alguma coisa nova, eu acho que é bem inovador em uma série de coisas. É importante! Tem uma relevância bacana, influencia muita gente. A ideia que eu queria era que todo mundo tirasse os baús de baixo da cama e começasse a realmente colocar para fora todas essas histórias, que é o que está faltando para gente se reconhecer e ter a autoestima mais elevada. Todo mundo eu acho que tem, muita gente tem, uma história de *Água de Barrela* em casa, muita gente. Então, cadê esse povo todo? Cadê isso tudo que a gente não está vendo? Mesmo na produção acadêmica, felizmente, a gente tem muitos pesquisadores que mergulham no pós-abolição. Mas ainda falta um mar de coisas. Brasil é grande demais, diverso demais. Não é possível que essas histórias não existam! Para a gente remontar e escrever. Então, a minha ideia é futucar um pouco para que outras coisas surjam.

Laís: Como você traçou a história com base nas pesquisas que você fez? Como se deu a escolha de ordenar e pontuar o que você contaria em seu livro?

Eliana: Esse é o drama! É, ainda, mais que é um recorte de tempo muito grande. Então é aquela coisa do hipertexto. Você começa a escrever um negócio, pesquisar alguma coisa. Você vai parar não sabe nem onde. Por exemplo, houve a epidemia de cólera. Eu preciso saber como é que essas cidades lidavam com essa questão da higiene. Aí tive que estudar a história da saúde da higiene pública. A história da epidemia, a história de não sei o que; aí você vai, vai, vai, vai. E, nessa pesquisa, você vai achando muita coisa interessante. Muitas coisas! Aí entra um pouco a jornalista. “Não! *Pera!* Tem que cortar isso aqui! Não dá! Isso aqui tem que botar *para fora!*”, porque senão estaria escrevendo até hoje. A gente não acaba nunca. É um bom drama. Eu reescrevi umas cinco ou seis vezes. Eu não tenho essa paciência de pesquisar dois anos, três anos e depois sentar e escrever. Então eu vou escrevendo e vou pesquisando, vou

pesquisando e escrevendo, até porque a própria escrita vai te demandando. Você escreve e, “Ah! Pera aí! Empaquei aqui! Deixa eu estudar”. Enfim, eu fui reescrevendo muitas coisas. O que me fez realmente definir o recorte do tempo era que eu queria fazer uma coisa em *flashback*, mas achei que, como era uma saga, ia ficar para o leitor talvez, muito confuso. Então, vamos fazer a ordem cronológica mesmo, a ordem dos acontecimentos. Mas a tia Nunu, que é a uma das “informantes” das coisas do livro, uma vez eu perguntei para ela: “Ah, tia, cê tem conhecimento de algum africano?” Porque eu ia começar da história do Engenho para frente. Aí ela falou assim: “Ah! africano somos todos nós”. Eu: “Não, tia, africanos somos todos nós, mas estou falando especificamente”. Aí ela começou a falar: “ah, minha bisavó...” Aí, nossa... bisavô, da minha tia avó. Nossa!!! “a minha bisavó, ela se chamava Umbelina, e ela já veio da África assim, assim, assim...” aí começou a me contar uma história enorme. Falei: “bom! Vou ter que começar tudo de outro jeito!” Aí eu falei: “Para onde é que foi isso, tia?” “Ah, na África!”. “Mas na África onde, tia? A África é enorme!”. “Ah! Na África... se a gente vem por Paris, a gente chega lá!”, ou seja, norte da África! Já me deu uma localização. Enfim, ela foi me dando umas pistas, que eu cheguei naquela região que eu cito lá no livro. “Vamos pesquisar isso na região!”. Aí fui, pesquisei tudo que você possa imaginar: topografia, vegetação, distância. Botei no Google Maps. A pé, daqui para lá, quanto tempo leva? De carro, quanto tempo leva? De navio, quanto tempo leva? Eu fiz todas essas simulações. Pesquisei blogs de pessoas de lá. Pesquisei muita coisa, foto, tudo! Tudo que você possa imaginar. Pesquisas também acadêmicas. Uma série de coisas! Mas é aquilo, a gente estuda, estuda, estuda, depois que tem que esquecer. Aquilo tem que entrar no seu sangue, esqueceu, se sentou e escreveu. Para não ficar aparecendo...tem que fazer parte de você. Faz parte de você. Aí você se senta e escreve, e foi assim...



...desejo dos abolicionistas de ensinarem a leitura no processo de conscientização da escravidão. Esse mesmo processo para a conscientização do negro na luta

...quem tem o conhecimento, tem o poder”. “... camaradas!” (Cantando). É porque, conhecimento, a gente precisava acessar. Você não sabe qual é o inimigo que a leitura, o letramento tem muito certo movimento abolicionista, é que o negro saísse da selvageria no primitivos, das coisas tão... se civilizasse, Mas, acabou que... é uma coisa... Nos isso foi mais intenso. Tanto que foi relato. Faz parte do processo da então tem muita coisa. A gente teve 12 Northup (Solomon Northup, negro

nascido livre no norte dos Estados Unidos) que é mais ou menos isso e outros também escravizados que escreveram. No Brasil, nem tanto. Porque o medo da elite de que essas pessoas descubram o “planinho” deles é enorme. Então, realmente, era uma coisa escamoteada. E, até 1827, se não me engano, a Constituição, a gente era proibido de frequentar a escola de verdade. Não podia. Tem uma charge eu achei uma charge de um jornal desses, que é um grupo de pessoas negras. Um estava lendo para os outros e o senhor chega e vê. E tem a charge: ele apavorado com as pessoas lendo, porque era um medo que a elite tinha de que as pessoas se apoderassem do conhecimento e começassem a combater determinadas coisas.

Érica: E não tem relato na História de negros escrevendo e lendo. E eu me lembro de quando eu fiz o mestrado, eu achei referência negra escrevendo no século dezesseis, século dezessete no Brasil.

Eliana: Ah, Esperança Garcia, né? Esperança Garcia que escreve lá ao Governador, falando dos maus-tratos dela e tal.

Érica: Exatamente, e não aparece nos livros de História, os que circulam na escola básica.

Eliana: São os mitos. E aí você passa a sua vida com aquela imagem, daquelas pessoas tão brutas que não eram capazes intelectualmente. Se constroem os mitos.

Laís: É muito forte a história da personagem Dodó e a relação da sua família com a família de Maricota, mesmo após a Abolição da escravatura. Comente essas relações de poder e desigualdade e como a educação permeia essas relações.

Eliana: Pois é, uma faz parte da nossa formação patriarcal: essa questão da tutela, do apadrinhado. Aquele patriarca que tem seus agregados. E ele é um Deus que ele controla toda a vida daquelas pessoas. É muito interessante ver. Eu, quando pesquisei os documentos, por exemplo, documentos da minha bisavó, não tem um que tenha a data de nascimento dela certa. Ela, a vida inteira dela, ela disse que nasceu no ano da Abolição. Tanto que, no ano da Abolição, a gente fez a festa de 100 anos dela. Ela a vida toda... ela sabia a data que ela nasceu, mas os documentos têm 1889, 1903... Não tem nenhum, porque eles mudavam as datas de acordo com as conveniências lá na família. E ela (a avó), eles queriam que ela trabalhasse na Câmara lá dos deputados. Alteraram lá... eu até falo isso no livro, alteraram a carta... a identidade dela. O acesso que essas pessoas também têm ao poder de mexer na vida, de adulterar a vida, e até documentos; enfim, o poder de corrupção também, como forma de manipulação. São relações de poder complexas e, por outro lado, elas se viam dependentes daquelas pessoas. Elas se viam ali presas àquelas pessoas de uma forma que elas não conseguiam se libertar. Muito mais psicologicamente. Elas já eram livres, já eram independentes, lavavam a roupa, vendiam doce na rua. Não dependiam daquilo. Mas, psicologicamente, elas

estavam presas, porque tinha uma chantagem emocional. E quem é que percebia essa chantagem? A Nunu, que é a pessoa que menos se pode imaginar! Ela percebia essa chantagem. Ela se revoltava com aquilo: “não tá vendo que isso é...”. como diz a garotada: “um caô que eles tão mandando?”.

Laís: O que você tem a dizer sobre o estereótipo do negro como personagem de livros canônicos?

Eliana: Ah, isso é demais! Por que o que que acontece? A literatura, ela está ali no coração da cultura brasileira, da cultura de qualquer país, da cultura brasileira também. Então, as imagens, elas vão se construindo a partir dali. Quando você tem uma literatura que te apresenta apenas o lugar de subalternidade, ou da hipersexualização, ou da marginalidade... a gente está construindo uma narrativa pesada. E legando para as gerações futuras, uma imagem difícil da gente contornar. A gente está muito nesse angu de carço, por conta disso. Por que da literatura migrou para a televisão esse mesmo *modus operandis*? Hoje é que a gente começa a desconstruir um pouco isso, mas durante todos os anos da televisão no Brasil, o que que é? O negro é empregado. É a mesma coisa da literatura: é o escravizado que não tem fala, porque a questão não é ser empregado ou ser escravizado. A questão é a forma como essa pessoa está no contexto. Posso escrever um livro sobre negros escravizados? Posso! Desde que ele não seja apenas aquele cara que entra... o criado mudo que entra mudo, sai calado. Que não tem história! Que não tem meio, não tem fim, não tem sentido, não tem voz! E as pessoas não estão só nesses lugares. O audiovisual importou esse jeito de narrar da literatura, e a gente vai perpetuando essas coisas. Então, tem uma hora que a gente tem que quebrar com esse padrão, porque isso faz muito mal para a sociedade como um todo. As pessoas querem ser o que elas não são, principalmente crianças e jovens. É uma violência muito grande, uma agressão muito grande. Você tem que se mutilar o tempo todo, porque é uma mutilação. Você tem que fazer uma escova progressiva todo mês porque cresce um dedo de raiz! A menina vai lá, enfia o formol na cabeça e faz tudo para clarear a pele, faz tudo para afinar o nariz, faz tudo pra ser quem ela não é. Essa violência é construída ao longo de muito tempo pela literatura, pelo audiovisual, pela mídia. Então, a gente tem um papel nisso.

Érica: Se não me engano, Cuti né? Acho que é Cuti mesmo. Tem um conto que se chama “Problema de Raiz”. E ele fala exatamente disso, da moça que virou “escrava” da progressiva e queria fazer cirurgia para afinar o nariz, porque sempre ouviu isso: “o seu cabelo é feio, seu cabelo é duro, o seu nariz é feio”.

Eliana: Nossa! Minha madraستا tem um salão. Eu estava lá ontem. Ontem aconteceu isso. Aí eu estou vendo ela no telefone. Ela: “mas quanto tempo você não fez o seu cabelo?” E ela, a minha madraستا, quase não faz essa coisa de alisamento. Eu não sei o que ela queria fazer, se a menina queria pintar o cabelo... “Mas... peraí! Mas tem muito pouco tempo que você fez o cabelo. Tem um mês que você fez o cabelo...” ou seja, cresceu meio centímetro, ela já queria dar um jeito no cabelo, para tirar não sei o quê. Gente, mas que obsessão é

essa? E é uma coisa que às vezes só a pessoa vê, porque quem está de fora nem repara.

Laís: Como escritora de literatura afro-brasileira, qual é a importância da propagação desse estilo literário?

Eliana: Olha, eu vou falar para você: eu acho que a gente está aí há bastante tempo. Bastante tempo! Se a gente considerar que a Maria Firmina dos Reis foi a primeira romancista, e ela era negra, a gente já está aí há bastante tempo. Mas eu acho que é bacana a gente ter esse posicionamento político. Se afirmar como escritor negro, porque o nosso pagamento é muito grande. Eu fiz agora, recentemente, fiquei relacionando todo mundo que já publicou um romance: as mulheres, negras. Cheguei a dezessete nomes, já publicaram romance no Brasil. Mas só duas por grandes editores. As consideradas, grandes editoras. Então, olha o tanto que ainda falta! Então, a gente precisa realmente se colocar nesse lugar, porque é o lugar do outro ponto de vista.

Laís: Qual é a diferença entre escrever sobre o negro sem ser negro, e ser um autor negro?

Eliana: É aquilo: escrever da sala para o quarto e do quarto para a sala. É realmente um olhar. Eu escrevi um texto para aquela revista *Filos*, e aí eu fiz uma salada, uma saladinha lá. Mas acho que ficou legal! Aquele romance do Jorge Amado, *Jubiabá*, comparando com o texto de Bell Hooks e daquela poeta americana Gwendolyn Brooks, não sei se vocês já ouviram falar? Ela tem um poema que se chama “O Sete no Taco de Ouro”. São os garotos numa mesa de bilhar e eles vêm tirando onda assim: “Não, porque a gente ginga mesmo, a gente...” tudo que eles fazem. E eles vão assim se afrontando e, no final... “a gente morre cedo”. E aí fui relacionando isso com aquele romance de *Jubiabá*. O cara... Nossa Senhora!!! Tem umas passagens assim terríveis!!! E o Jorge Amado, cara branco, de elite, e ele escreve muito sobre a população negra. Mas é um olhar branco! Um homem negro não sei se escreveria aquilo, daquela forma, mesmo que fosse para retratar um personagem como o Balduino. Então, tem muita diferença, da forma como ele fala da mulher. Porque “as negrinhas fedidas que eles jogavam no areal e não sei o quê...”. E ele passa o romance inteiro vendo uma mulher branca que ele se apaixona. Em todas as mulheres que ele se relaciona, ele vê o rosto da Lindinalva e ele coloca lá isso. Todas as mulheres, ele transa com todas as negras tentando enxergar a branca. Olha que coisa violenta!

Laís: Qual é a importância da literatura como lugar de fala?

Eliana: Eu acho que assim: o lugar de fala tem muito da questão do conhecimento de causa. E é muito diferente você escrever de algo que você supõe para algo que você vive. É completamente diferente! E não sei se... é, hoje a gente tem uma coisa. A gente tem que se posicionar sobre tudo. Então, assim, dá um cansaço também. Às vezes, você quer escrever uma boa história, mas tem diferença do lugar onde você está. Tem muita diferença. Não tem como separar uma coisa, eu não consigo tirar a minha pele para escrever qualquer coisa. Eu não consigo. O que eu sou, o que me transpassa, vai de alguma forma transpirar no texto. Óbvio, eu acho que a arte não se prende a nenhuma amarra. A gente não deve. A arte é livre! Você deve ter esse poder de criar, essa liberdade para criar. Mas a gente precisa entender também que determinadas coisas não nos cabem. “Tudo nos é permitido, mas nem tudo nos convém”. A questão não é se você pode. A questão se você deve. “Eu devo mesmo me meter em determinados assuntos que eu não tenho a menor noção de como se passa aquilo?”. Eu me questiono sobre isso. Claro que poder, eu posso. Mas eu posso me apropriar de determinados discursos, determinadas experiências? Algumas coisas eu acho até desonestas, porque a gente meio que rouba o lugar do outro. Isso trai! Então... há que se pensar. E a gente ajuda a apagar o outro. Eu fico muito pensando, por exemplo, na questão indígena do Brasil. Como a gente tem total apagamento! Cadê a literatura indígena? Temos aí alguns autores, mas a gente precisa dar voz a essas pessoas. Então eu posso escrever um romance com a temática indígena? Claro que posso, mas eu queria que alguém indígena escrevesse! Porque eu acho que... caramba! Eu quero ouvir essas pessoas. Eu quero, embora, eu tenha na minha ancestralidade, eu tenho uma bisavó

indígena, enfim... mas eu quero ouvir essas pessoas, eu quero! Eu quero e não acho justo.

Laís: Como o incentivo de literatura afro-brasileira nas escolas influencia na formação do leitor no âmbito social?

Eliana: Ah, nossa! Demais! É demais! É tudo diferente! Tudo muda. Eu vejo pela minha filha que tem doze anos; e o fato de ela ter algumas coisas, alguns conteúdos na escola, faz dela uma adolescente que eu não fui. Ela continua sofrendo racismo, as coisas todas, mas ela tem uma outra forma de enfrentar os problemas e ela tem uma outra forma de encarar o mundo que eu, com doze anos, não tinha o menor... nem chego perto dela. E isso é muito fruto da escola. Muito de tudo que trouxeram para ela de conteúdo na escola. Da nossa atuação também provocando a escola nesse sentido. E a escola é uma parceria, da família com o... a questão é que a gente... eu acho que a sociedade brasileira anda legando muita coisa para escola. E esquece que a gente tem um papel ali também. E aí a gente está trocando e... nossa! Faz toda total diferença quando o aluno consegue quebrar algumas coisas e acessar alguns conteúdos já no banco escolar e aí ele já vai pra vida com um olhar outro, com outra... enfim... com outra percepção das coisas. Começa a questionar a própria família. A própria família, os valores da própria família, em casa. Enfim, eu acho que tudo muda quando esse conteúdo é dado no berço ali, o mais cedo possível.